

# “Para rezar em tempos certos”.

## O Livro de Horas do Museu de Angra do Heroísmo

DELMIRA ESPADA CUSTÓDIO  
IEM – Instituto de Estudos Medievais  
FCSH/NOVA  
delmiraespada@gmail.com

HORÁCIO AUGUSTO PEIXEIRO  
Academia Portuguesa da História  
hpeixeiro@gmail.com

### Preâmbulo<sup>1</sup>

Caros organizadores, caríssimo Professor Aires do Nascimento, caros colegas.

Estamos, com muita satisfação, neste encontro tão bonito em que, no meu caso, também se destina a saldar muitas dívidas.

Quando, há pouco mais dum mês, fomos confrontados com esta homenagem ao Professor Aires do Nascimento, em que queríamos muito participar, a Delmira Espada sugeriu a apresentação de um Livro de Horas, pertencente ao Museu de Angra do Heroísmo, ainda não estudado. Rapidamente, como se impunha, chegámos a acordo, até porque este assunto se adequava muito bem ao nosso homenageado por várias razões. A primeira, que o nosso título sugere, tem a ver com um texto exemplar, escrito para o livro coordenado por Delmira Espada Custódio e Maria Adelaide Miranda – *Livros de Horas: o imaginário da devoção privada* – BNP, 2015 – Livro de Horas, para rezar em tempos certos: fonte de encantos, de piedade e de arte.

Depois, porque pretendíamos trazer aqui algo que dissesse do muito que ficamos a dever ao Professor Aires e do seu enorme contributo para a construção duma nova metodologia de abordagem do livro iluminado.

---

<sup>1</sup> O texto mantém, no preâmbulo, o cunho pessoal de cada um dos autores ao dirigirem-se ao homenageado.

A este respeito quero deixar aqui o testemunho da sorte que tive por uma mão amiga haver proporcionado um encontro, em 1983 (tão jovens os dois de 44 e 38 anos), no seu seminário de Codicologia, à volta do tema da iluminura que a História da Arte começava a tratar de forma autónoma. Dispensou-me de repetir as circunstâncias e as razões que enumera, com minúcia, num texto que, há oito anos, fez o favor de proferir por ocasião da minha última lição, com o sugestivo título: “O paraíso é mais apetecido em companhia dos amigos”, que não me esqueci da promessa de o publicar. Por razões diversas, os nossos interesses aproximaram-se. Pela minha parte, desejava encontrar uma metodologia de análise, para o estudo dum tema de iluminura, que respondesse a uma série de questões fundamentais que se podem resumir nesta inquietação: por que ponta pegar a tanta informação mas que, aparentemente, me parecia muito pobre do ponto de vista da História da Arte que íamos estudando: muito despojamento ornamental e diminuta figuração.

De facto, nos anos 80 do século passado, no estudo da iluminura, do ponto de vista da História da Arte, ainda se respirava um ar do século XIX altura em que começou a despertar algum interesse, especialmente a que preenchia os Livros de Horas dos séculos XV e XVI com os seus quadrinhos, próximos da grande pintura, valorizados porque a ela se assemelhavam, uma espécie de pinturas sobre pergaminho, belos e preciosos, razão porque muitos desses livros chegaram até nós, ainda que, muitas vezes mutilados, como o exemplar que apresentamos, pois aquelas devotas imagens podiam ser facilmente destacadas e até encaixilhadas como obras independentes. O resto, que não se aparentava com a pintura, era a maior parte das vezes classificado como “bárbaras iluminuras”, úteis documentos do passado, como referia Alexandre Herculano em relação à iluminura do Apocalipse de Lorvão. No estudo da ornamentação e da figuração não era relevante o códice onde estavam inseridas. Por isso se prestava a subtilezas interpretativas e às necessidades do pensamento.

Ao pôr o acento sobre o estudo do códice, o Professor Aires contribuiu decisivamente para alterar esta forma de ver a iluminura. Dois momentos da sua reflexão sobre o códice foram, verdadeiramente, para mim um começo. O primeiro, o ponto de partida, foi a visão do livro resgatada à conhecida definição de Isidoro de Sevilha que fazia derivar o seu nome do seu suporte e não do seu conteúdo, mostrando que o suporte, a matéria e a forma, fazem parte da sua essência (que nenhum outro meio, incluindo o electrónico, desprovido de suporte material, pode substituir). O segundo foi a evidência de que o códice não é fruto do acaso, do improvisado, citando Léon Gilissen (1972), mas que o processo do seu fabrico é determinado de modo preciso e lógico. Isso era demonstrado por uma série de esquemas construtivos, cujas fotocópias ainda conservo religiosamente, elaborados traçados geométricos sustentados em regras precisas de proporção, como sejam os rectângulos de Pitágoras, da regra de ouro ou da progressão das diagonais, aplicadas na determinação do formato da página e na construção da sua arquitectura, definida pelas linhas de justificação e de regramento.

Demonstrava-se, assim, que esta construção, que pressupõe uma organização dos espaços segundo regras definidas, o da escrita e o da figuração e ornamentação, tem uma função estruturante, funcional e estética. Daí que, seja qual for o ponto de vista do estudo, o códice tem de ser considerado como um todo. A consequência, no que respeita à história da arte, da aplicação ao livro das noções de proporção, de equilíbrio e de harmonia, próprias da beleza, é a sua transformação num facto artístico, de que fazem parte os ornatos e a figuração que possa integrar. Esta é uma das suas marcas e dos seus contributos para a definição duma metodologia de estudo da iluminura, desenvolvida, também, em inúmeros e fundamentais textos.

Se no livro tudo é importante, então nada pode ser negligenciado, dos materiais constitutivos e das técnicas utilizadas, ao mais ténue e aparentemente insignificante vestígio, como o furo do compasso, ou as notas de posse, repetia como uma máxima. É isso que procuraremos fazer na breve e provisória apresentação do Livro de Horas do Museu de Angra do Heroísmo, traçando-lhe um percurso no tempo, desde as suas origens no século XV, algures no sul da França, passando por várias mãos e locais, incluindo Lisboa, antes de ser integrado no museu açoriano. Que este seja o nosso Livro de Horas de Homenagem, para rezar no tempo certo da amizade, que a Delmira Espada apresentará a seguir. Este é, também, um pretexto para lhe agradecer, mais uma vez, o muito que de si recebemos.

E porque o tempo não é muito, e todos queremos partilhar memórias e afectos, passamos, sem mais delongas, ao tema.

## **I. Breve descrição codicológica**

O primeiro contacto que tivemos com este Livro de Horas, até à data quase desconhecido, foi em 2016, no Museu de Angra do Heroísmo, altura em que fizemos um estudo sumário e o levantamento fotográfico, que agora permitiu estudá-lo de forma mais aprofundada. E porque num códice, como há pouco foi dito, nada pode ser negligenciado, avançámos em várias frentes, e vimo-nos a braços com um arco cronológico dilatado, que nos conduziu a inesperados campos de estudo.

Datando, muito provavelmente, do último quartel do século XV, ou dos primeiros anos da centúria seguinte, é constituído por 205 fólios de pergaminho. A foliação, inserida no canto superior direito do recto dos fólios, com lápis de grafite, foi feita numa altura em que o códice já se encontrava incompleto, tendo ficado um fólio por numerar, entre os fólios 115v-116. O texto, em latim, foi escrito numa única coluna, aparentemente com tinta carbónica ou mista, com letra gótica universitária, e o regramento e as linhas de justificação com tinta violeta muito diluída.

A sua organização interna é bastante regular: abre com um bifólio, contendo a *Stabat Mater*, seguindo-se os dois ternos do Calendário e vinte e seis quaternos, ordenados sequencialmente por reclamos, paralelos à margem

de festo<sup>2</sup>. A hierarquização do texto faz-se com recurso à iluminura, estando as principais secções assinaladas por temas de grande dimensão, acompanhados de cercadura, inicial ornada e quatro linhas de texto. As subdivisões são realçadas por iniciais ornadas e rubricas, alternadamente, azuis e vermelhas.

A regularidade dos cadernos, da empaginação e da hierarquização das secções e do texto, indiciando uma prática oficinal organizada, a presença de reclamos e a transcrição integral do texto, ajudaram a reconstituir, com elevada segurança, e sem recorrer a práticas invasivas, a constituição dos cadernos, o número de fólhos cortados, os temas iconográficos e a sua localização no recto ou verso dos fólhos e, ainda, a reposição do texto truncado. Embora não apresente uma encadernação da época (a actual é do século XIX), a integridade do códice foi maioritariamente preservada, verificando-se, apenas, um aparo ligeiro das margens.

Quanto ao estado de conservação, há a registar a perda de dezassete fólhos, número bastante significativo, quinze dos quais com iluminura. Falta um fólho iluminado no início da perícope evangélica de São Mateus, e dois outros, entre os fólhos 19v-20. O primeiro corresponde à perícope de São Marcos, totalmente suprimida, e o segundo, ao início da oração *Obsecro te*. Nas Horas da Virgem, que seguem o uso de Roma, foram cortados sete fólhos, um apenas de texto contendo o final do salmo 18 e o início do salmo 23 e os restantes iluminados correspondentes à abertura das seis últimas horas canónicas, verificando-se perda de texto no início e no final de cada hora.

Nas variações textuais das Horas da Virgem, perdeu-se o bifólho central do caderno, contendo o início do texto que, por ser irregular, não foi possível reconstituí-lo na totalidade nem determinar, com absoluta certeza, se houve, ou não perda de iluminura.

Entre os fólhos 105v-106, 108v-109 e 111v-112, foram igualmente cortados fólhos iluminados correspondendo, respectivamente, à abertura das Horas da Cruz, das Horas do Espírito Santo e das Horas da Imaculada Conceição, e o mesmo sucedeu entre os fólhos 166v-167 e 190v-191, contendo o início dos Salmos Penitenciais e a abertura do Ofício de Santa Bárbara.

## II. Transcrição e análise do texto

No que respeita à análise do texto, relevamos o calendário por apresentar um conjunto de características que, embora provisoriamente, se podem associar ao que designámos como calendário ibérico, tendo em conta a sua comparação com outros códices ligados à Península Ibérica,

---

<sup>2</sup> A ausência dos reclamos só se verifica quando o final do caderno e da secção são coincidentes (ff. 118v e 166v) ou quando o corte de fólhos coincidiu com o final do caderno, ou seja, entre os fólhos 19v-20, 34v-35, 69v-70, 105v-106 e 111v-112.

designadamente, as *Horas de Holford*<sup>3</sup>, as *Horas de D. Ana e Josefa Pereira*<sup>4</sup>, as *Horas ditas de D. Manuel*<sup>5</sup>, o devocionário de Vila Viçosa<sup>6</sup> e as Horas portuguesas da BNP<sup>7</sup>.

Para além da especificidade das festividades, que sumariamente iremos enunciar, importa destacar três características que nos levam a agrupá-lo sob esta designação, juntamente com os códices atrás referidos, a saber: a sequência das festividades ao longo do ano, numa seriação que difere bastante daquela que encontramos nos calendários ao uso de cidades como Bruges, Gante, Tournai ou Paris; a indicação da entrada do sol nos signos do zodíaco (característica que verificámos existir em quatro dos seis códices recenseados, atrás referidos, as *Horas de Holford*, as *Horas de D. Ana e Josefa Pereira*, as *Horas ditas de D. Manuel*, e as *Horas de Angra do Heroísmo*<sup>8</sup>); e o início e fim dos dias caniculares, presente, também, em quatro destes exemplares assinalados (LA 210, Ms. 52-XII-38, BDM II Res 15 Adq., e IL. 4).

Destacamos, na sequência dos meses, as seguintes festividades:

#### **Janeiro**

Santos mártires Fabião e Sebastião (20 de Janeiro), rubricado;  
São Vicente mártir, patrono da cidade de Lisboa e de vários outros lugares (22 de Janeiro), também rubricado.

#### **Fevereiro**

Santo Inácio, bispo de Antioquia (1 de Fevereiro), quando a festa mais comum é celebrada a 17 de Outubro;  
São Brás (8 de Fevereiro), rubricado;  
São Gilberto confessor (4 Fevereiro).

#### **Março**

Os quarenta Mártires de Sebaste, Arménia (9 de Março).

#### **Abril**

Santo Ambrósio, arcebispo de Milão (4 de Abril);  
São Vicente Ferrer, valenciano (5 de Abril);  
Santa Maria Egipcíaca (8 de Abril);  
Santa Helena de Constantinopla (15 Abril), também inserida nesta data nas *Horas de Holford*, nas *Horas de D. Ana e Josefa Pereira* e, pelo menos, em 24 outros códices mencionados no *Corpus Kalendarium* (CoKL)<sup>9</sup>, embora a festa oficial seja celebrada a 18 de Agosto;  
Papa Aniceto (17 de Abril).

#### **Mai**

São Gotardo de Hildesheim, Alemanha (5 de Maio);  
Aparição de São Miguel arcanjo (8 de Maio);

---

<sup>3</sup> Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, LA 210.

<sup>4</sup> Lisboa, Biblioteca da Ajuda, Ms. 52-XII-38.

<sup>5</sup> Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, Inv. 14 Ilum.

<sup>6</sup> Vila Viçosa, Palácio Ducal de Vila Viçosa, BDM II Res 15 Adq.

<sup>7</sup> Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, IL. 4.

<sup>8</sup> Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo, MAH R. 95.538.

<sup>9</sup> [http://www.cokldb.org/cgi-bin/list\\_saints\\_by\\_date.pl](http://www.cokldb.org/cgi-bin/list_saints_by_date.pl).

Santa Pudenciana de Roma (19 de Maio);  
São Bernardino de Siena (20 de Maio), pregador místico franciscano;  
Papa João I (27 Maio, data da sua primeira festa litúrgica).

### **Junho**

Santo António (13 de Junho), rubricado;  
São Paulino de Nola (22 de Junho);  
Santo Amando, bispo e confessor (25 de Junho, Limoges);  
São Marçal (30 de Junho), rubricado.

### **Julho**

São Pio I (11 de Julho, está relacionado com Santa Pudenciana de Roma);  
Santa Ana (26 de Julho), rubricada;  
Santa Marta de Betânia (29 de Julho).

### **Agosto**

Santa Maria das Neves (5 de Agosto);  
Transfiguração do Senhor (6 de Agosto), rubricado;  
São Roque (16 de Agosto), rubricado;  
São Luís de Toulouse (19 de Agosto), padroeiro da cidade de Valência desde 1423, ano em que Afonso V de Aragão levou as relíquias do santo para a catedral.

### **Setembro**

Moisés, o Profeta (4 de Setembro), também incluído em 4 dos 6 códices atrás mencionados;  
São Maximino, bispo de Trier (ou Tréveris), Alemanha (12 de Setembro, talvez a data da trasladação para a catedral de Tréveris, pois morreu na sua terra natal, no Poitou), embora a sua festa seja a 29 de Maio.

### **Outubro**

São Germano de Auxerre (1 de Outubro, poderá ser o dia da sua trasladação, pois morreu em Ravena, longe da sua diocese) embora a sua festa oficial seja a 31 de Julho;  
São Francisco (4 de Outubro), rubricado;  
S. Nicácio papa (11 de Outubro), que não existiu enquanto papa e se poderá referir ao bispo de Ruão, cuja festa litúrgica se comemora neste dia, sendo, contudo, identificado como papa e mártir em três dos nossos seis códices, ditos ibéricos;  
São Geraldo, conde de Aurillac (13 de Outubro).

### **Novembro**

Santo Amâncio, bispo de Rodez, no sul de França (4 de Novembro);  
Papa São Martinho I (12 de Novembro), festa trasladada para 13 de Abril em 1969, provavelmente para não haver confusão com a festa de S. Martinha de Tours, celebrada no dia anterior;  
São João Crisóstomo (14 de Novembro);  
São Gregório bispo de Tours (17 de Novembro), que figura nas *Horas de Holford* e nas *Horas de D. Ana e Josefa Pereira*.

### **Dezembro**

Santo Ambrósio, bispo de Milão (7 de Dezembro);  
Santa Eulália de Mérida (10 de Dezembro).

O que importa sublinhar, relativamente a esta listagem, é a presença repetida das mesmas festividades em seis códices com ligações à península ibérica, e a sua presença mais residual num *corpus* de aproximadamente

500 outros calendários, constituindo um ponto de partida interessante para a reflexão sobre a especificidade do calendário ibérico, revisitando algumas fontes esquecidas<sup>10</sup>.

Depois do calendário inserem-se as Perícopes evangélicas, bastante mutiladas, e quatro orações comuns – *Obsecro te*, *O Intemerata*, oração da manhã, e oração dedicada ao anjo da guarda –, seguidas pelas Horas da Virgem (ao uso de Roma), variações textuais para o período do Advento, Breves Horas da Cruz, do Espírito Santo e de Nossa Senhora da Conceição, Ofício dos Defuntos (ao uso de Roma), Salmos Penitenciais e Litanias, Missa de Nossa Senhora e Horas de Santa Bárbara.

O códice termina com um Memorial dos santos, bastante abreviado, intercalado entre duas orações, uma a S. Sebastião e outra preparatória do sacramento da confissão. Interessa realçar o texto da primeira, uma oração longa, precedida por iluminura, invocando, na parte final, a protecção do santo contra a peste. Tradicionalmente utilizada na Itália, França e Catalunha está, provavelmente, relacionada com as devoções do primeiro proprietário e é consentânea com as festividades de tradição ibérica do calendário e com as marcas de propriedade que situam o códice no sul de França. O destaque desta extensa prece a S. Sebastião contrasta com o reduzido número de orações, geralmente na forma abreviada e sem iluminura, contidas no Memorial dos santos.

### III. A iluminura

Como vimos anteriormente, das vinte e três composições que o códice originalmente continha, conserva apenas oito, que apresentam um desgaste significativo da camada pictórica, com perda acentuada de pigmento, e um tratamento sintético quer da paisagem, quer dos espaços interiores. Os temas iconográficos são, na sua maioria, os que, por regra, acompanham as secções do Livro de Horas, sendo por isso, relativamente seguro determinar as perdas como se indica a seguir.

Nas perícopes evangélicas, que na estrutura original do códice continham quatro fólios iluminados na abertura de cada um dos textos, subsistem apenas dois com *São João na ilha de Patmos* (f. 15) e *São Lucas no scriptorium* (f. 17).

Das quatro orações que precedem as Horas da Virgem duas, a *Obsecro te* e a *O Intemerata*, eram iluminadas, conservando-se apenas o tema iconográfico que assinala a segunda oração, isto é: *Virgem com o Menino* e *São João Evangelista com a taça de veneno*, um tema poucas vezes utilizado. A cena remete para Éfeso, onde o Evangelista sofreu a tentativa de envenenamento por parte dos ourives locais, produtores de estatuetas de Artemisa e onde, segundo a tradição, viveu com Maria, mãe de Jesus, proclamada *Theotokos*,

---

<sup>10</sup> A. DA COSTA, *Calendários portugueses medievais*, dissertação apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, 1950.

mãe de Deus, no 3.º concílio ecuménico, 1.º de Éfeso, na igreja a Ela dedicada. Esta associação incomum de Maria com o Menino Jesus ao colo e de João, que, no Calvário, ouvira o Crucificado entregar-lhe a sua mãe como a um filho, quer reafirmar a prerrogativa maior da Virgem proclamada em Éfeso (fig. 1).



Figura 1. Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo, MAH R. 95.538, f. 24.

Nas Horas da Virgem, conservam-se, apenas, os dois primeiros temas: a *Anunciação* (f. 30), em Matinas, e a *Visitação* (f. 40v), em Laudes, destacando-se, no primeiro tema, a escolha duma cor amarelada com matizes que sugerem e substituem o ouro para as vestes de Maria, e que, à semelhança do branco do arcanjo Gabriel, significa a luz em forma de resplendor que inunda a Virgem, vinda do alto, para onde a figura angélica aponta, ouro e luz que convêm à Mãe do Messias, da estirpe de David, que inicia na Anunciação o seu reinado como futura rainha do Céu (fig. 2).



Figura 2. Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo, MAH R. 95.538, f. 30.

No Ofício dos Defuntos salientamos a particularidade da secção conter dois temas iconográficos: *A morte atacando um casal jovem* (f. 119), na abertura do ofício, e a *Celebração do Ofício Fúnebre*, assinalando o primeiro nocturno. A primeira composição, bastante danificada, com perda significativa da camada pictórica, em especial na metade superior onde chega a ser visível o regramento, mostra um casal a cavalo no momento em que é atacado pela personificação da morte, na forma de um cadáver andante, como nas ilustrações da dança macabra. O segundo tema, cujo estado de conservação é semelhante, evoca um dos momentos do funeral medieval, a celebração do ofício fúnebre junto ao ataúde. A cerimónia tem lugar no interior de um espaço abobadado, com vãos abertos para o exterior, suportados por colunas finas. Ao centro, lendo ou cantando a encomendação da alma, o oficiante, acolitado por quatro clérigos e por um grupo de enlutados, junto ao ataúde, posto no chão sem catafalco.

Na Missa de Nossa Senhora (f. 188), entre a rúbrica e o início do texto, foram deixadas sete unidades de regramento por preencher, o que nos leva a pensar que terá havido intenção de ocupar aquele espaço com uma iluminura de menor dimensão, muito embora no códice não haja nenhum outro tema com esta empaginação.

Finalmente, acompanhando o longo texto da Comemoração de São Sebastião, a que já nos referimos, uma representação do santo vestido de nobre, em meio corpo, com o arco e flecha na mão, ao invés de despido e cravado de flechas como é mais comum a partir do século XVI.

Ficam, ainda, em aberto, alguns aspectos relacionados com esta iluminura muito particular. Por exemplo, o iluminador utiliza sempre, nas páginas iluminadas, uma cercadura incompleta, sem tarja na margem de cabeça, optando por rematar a parte superior da cena representada de forma recta, coincidindo com a linha de justificação, ao contrário de outras soluções, vulgarmente utilizadas, como sejam, tarjas mais finas à cabeça a que, por vezes, se sobrepõe o remate da cena em arco. Relativamente à ornamentação, estas cercaduras de acantos estilizados, sobrepostos a campos virgens, isto é, sem pigmento, apontam para uma cronologia mais recuada, provavelmente o último quartel do século XV. Já as figuras, representadas em planos aproximados, sugerem uma datação um pouco mais tardia, sendo admissível a dos primeiros anos da centúria seguinte. A forma esquemática das representações, sem pormenores e de pouca complexidade cromática, aproximam a iluminura deste códice de alguma produção francesa; mas o tratamento dado às figuras – rostos angulosos e desproporcionados, expressão ingénua, grandes orelhas, narizes proeminentes, o carácter escultórico, com anormal volumetria, o cromatismo das carnações – é verdadeiramente singular na iluminura conhecida da época, vislumbrando-se, mesmo assim, em alguns aspectos, qualidade à parte, o modo muito particular, e por vezes até desconcertante, do pintor e iluminador francês Jean Fouquet (1420-1481).

#### IV. Notas de pertença e percurso do manuscrito

As marcas de propriedade, que afortunadamente se encontram no códice, permitiram reconstituir parte do seu percurso. Com base no estudo artístico e codicológico e nas informações que foi possível extrair da inscrição no fólio 204<sup>11</sup>, uma nota em francês, de muito difícil leitura, que nos dá o nome daquele que terá sido um dos seus primeiros proprietários, Nicolas Benoist, senhor de *Pechbonnieu*, uma pequena comuna localizada na região da Occitânia, no Departamento do Alto Garona, sul de França, parece-nos admissível que as *Horas de Angra do Heroísmo* tenham a sua origem no sul de França, na zona de Toulouse, entre o final do século XV e o início do século XVI.

Nicolas Benoist (? – 14 Março 1556) vem referido no Nobiliário de Toulouse como: *docteur en droit, seigneur de Pechbonnieu, capitoul en 1534* (p. 89) e encontramos-lo, ligado pelo casamento, à família Bertier, uma das mais antigas famílias nobres de Toulouse<sup>12</sup>. Por essa via, ficamos a saber que Nicolas Benoist casou com Antoinette, terceira filha de Simon de Bertier (Senhor de St-Geniés, barão de Pinsaguel e secretário do rei Luís XII) e Astrugue Boix. O casamento de Simon e Astrugue realizou-se a 8 de Janeiro de 1510 e tiveram nove filhos, tendo Antoinette sido a terceira, provavelmente nascida cerca de 1515.

Em 1539, Nicolas Benoist e os seus irmãos aparecem como proprietários da casa romano-gótica de Toulouse; edifício que ainda hoje se conserva no centro histórico da cidade, tendo a propriedade passado, posteriormente, para Pierre Benoist, também senhor de Pechbonnieu e conselheiro do Parlamento de 1557 a 1572, provável filho de Nicolas Benoist.

Três assinaturas autógrafas, dos séculos XVII e XVIII são mais parcas em informação, a saber: “*Lemercier sieur de cruejouis*” (século XVII), na abertura do livro, que posiciona o códice sensivelmente na mesma região; “*Bonnaventura Conta 7 Libras*” (século XVII), no fólio 204v; e, “*Ferriol Barrué*” (século XVIII), sobre o calendário (f. 9).

Por último, o *ex-libris* da Livraria de Zygmunt Działowski (1843-1878), carimbado sobre a segunda guarda volante e no recto do primeiro fólio, que nos conduziu a este colecionador polaco do final do século XIX. Sabe-se que, durante a segunda Grande Guerra, em 1939, uma parte da sua colecção e os arquivos de família foram destruídos em Turzno. Sobre a parte que ainda se conserva, julgamos poder encontrar mais informação.

Da sua história recente, conseguimos apurar que este Livro de Horas foi comprado, em 1979, pelo primeiro director do Museu de Angra do Heroísmo, Dr. Manuel Coelho Baptista de Lima (1920-1996), a um conhecido alfarrabista lisboeta, Ernesto Martins, que à data, se encontrava à frente da Biblarte, com porta aberta no número 71 da Rua de São Pedro

---

<sup>11</sup> Agradecemos a João Costa (CHAM e CEH-FCSH/UNL) a sua disponibilidade e a excelência das leituras paleográficas.

<sup>12</sup> <http://memoiredemontrabe.fr/la-famille-de-bertier/>.

de Alcântara. Fechada desde 2013, esta importante livraria foi fundada nos anos 20 por Eliezer Kamenezky (1888-1957) e por ela passaram, ao longo dos anos, diversas personalidades artísticas de Lisboa, tais como Fernando Pessoa e Paulo de Cantos<sup>13</sup>, uma figura singular da cultura visual portuguesa que, em parceria com Ernesto Martins, comprou a Biblarte a Kamenezky.

Para o estudo deste período recente, ainda sem história escrita, recorreremos, sobretudo, à memória de familiares e livreiros, a quem expressamos o nosso reconhecimento. Porém, não foi possível, até à data, chegar a respostas definitivas. Com base na informação recolhida, explorámos a possibilidade do códice ter pertencido às colecções de Kamenezky e Paulo de Cantos, hipótese que não encontrou confirmação nas fontes disponíveis. Assim, mantemos, ainda que provisoriamente, a nossa primeira intuição, admitindo que estas Horas de Angra do Heroísmo possam ter entrado em Lisboa pela mão de um judeu polaco, na altura da segunda Grande Guerra, que encontrou na Biblarte um espaço discreto e seguro de comercialização, pela sua ligação à comunidade judaica.

## Ficha Científica

Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo, MAH R. 95.538.

França, final do século XV, inícios do XVI (?).

Iluminador: não identificado.

Manuscrito: pergaminho; ii (papel) + 205 + ii (papel) fólios, 190 × 132 mm; justificação, 111 × 73 mm; 1 coluna; 15 linhas; letra gótica; latim; 8 iluminuras de página plena inseridas sobre 4 linhas de texto, iniciais ornadas e fins-de-linha.

Proveniência: Nicolas Benoist (1556); Lemer cier Sieur de Cruejouis (século XVII); Bonnaventura (século XVII); Ferriol Barrué (século XVIII); Zygmunt Działowski (1843-1878); Biblarte (até 1979); Museu de Angra do Heroísmo (desde 1979).

## 1. Conteúdo

**f. 1, Nota de pertença** no canto superior direito: *Lemer cier sieur de cruejouis*.

**f. 1v-2v, Oração Stabat Mater: Lamentatio b[ea]te marie. or[at]i[o].**  
*Stabat mater dolorosa iuxta cruce[m] lacrimosa ...;*

**f. 3-14v, Calendário em latim** segundo o uso ibérico, assinalando a entrada do sol nos planetas.

**ff. 15-19v, Perícopes evangélicas:** [f. 15, *São João na Ilha de Patmos*, iluminura inserida na coluna de texto] São João (ff. 15-16v) *IN principio erat*

---

<sup>13</sup> Sobre Paulo Cantos uid. A. GOMES, *Ver e Ler – Paulo Cantos um projeto bio-bibliográfico*, tese de doutoramento, Coimbra, 2017.

v[er]bum et verbu[m] erat apud deum ...; [f. 17, *São Lucas no scriptorium*, iluminura inserida na coluna de texto] São Lucas (ff. 17-18v) *IN illo temp[or]e Missus est angelus gabriel ...*; (ff. 18v-19v) **Secundum matheum** [*Falta iluminura e texto*] ... [mini]ma es in principibus iuda. ex te enim exiet ...; São Marcos [*Falta texto e iluminura*]

**ff. 20-29, Orações:** (ff. 20-23v) **Obsecro te:** [*Falta iluminura e texto*] ... [re]gis filia. mater gloriosissima. mater orphanorum consolacio ...; (ff. 23v-26v) **O Intemerata: Oracio multum devota.** [f. 24, *Virgem com o Menino e São João Evangelista*, iluminura inserida na coluna de texto] **O Intemerata et in eternum benedicta ...**; (ff. 26v-27v) **Oracio dicenda de mane.** **LAudes et gracias tibi ago o beatissima trinitas ...**; (ff. 27v -29) **Oracio ad propriu[m] angelum.** **OBsecro te sancte angele dei cui commissus sum ...**;

**ff. 29-95v, Horas da Virgem**, segundo o uso de Roma: (ff. 29-40) **Incipit officium beate marie virginis secundum usum romane ecclesie ad longum et sine require.** Matinas (ff. 30-40) [f. 30, *Anunciação*, iluminura inserida na coluna de texto] **DOmine labia mea aperies Et os meum annuntiabit laudem tuam. ...**; (ff. 40-53v) **In laudibus officium** [f. 40v, *Visitação*, iluminura inserida na coluna de texto] **DEus in adiutorium meum intende. Domine ad adiuvand[u]m me ...**; (ff. 53v-57v) **Ad primam** [*Falta iluminura e texto*] ... *sancto spiritu in sempiterna secula. Amen. ...*; (ff. 58-61v) Tercia [*Falta iluminura e texto*] ... *me festina. Gloria patri et filio et spiritui sancto. ...*; (ff. 62-65v) Sexta [*Falta iluminura e texto*] ... *me festina. Gloria patri et filio et spiritui sancto. ...*; (ff. 66-69v) Noa [*Falta iluminura e texto*] ... *me festina. Gloria patri et filio et spiritui sancto ...*; (ff. 70-77v) Vésperas [*Falta iluminura e texto*] ... *me festina. Gloria patri et filio et spiritui sancto ...*; (ff. 78-95v) Completas [*Falta iluminura e texto*] ... *nobis Deus in adiutorium meum intende ...*;

**ff. 96-105, Variações textuais das Horas da Virgem para o período do Advento:** [*Falta o bifólio central do caderno com o início da secção*] ... *re eam genitricem credim[us] eius apud ...*; f. 105v em branco.

**ff. 106-108v, Breves Horas da Cruz:** [*Falta iluminura e texto*] ... **R[esponsorium]** *D[omi]ne misereris nobis ...*;

**ff. 109-111v, Breves Horas do Espírito Santo:** [*Falta iluminura e texto*] [*reple tu*] *orum corda fidelium et tui amoris ...*;

**ff. 111v-118v, Horas de N. Senhora da Conceição: Incipit officiu[m] Conceptionis beatissime virginis marie. Ad matutinum.** [*Falta iluminura e texto*] ... *omnes beatam. Ioachim magno gaudio repletur vocem dum ...*;

**ff. 119-166v, Ofício dos Defuntos** segundo o uso de Roma: [f. 119, *A Morte surpreendendo um casal de jovens*, iluminura inserida na coluna de texto] **anti[phona]** *Placebo d[omi]no P[salmus]* **DIlexi quoniam exaudiet dominus vocem ...**; [f. 128v, *Celebração do Ofício Fúnebre*, iluminura inserida na coluna de texto].

**ff. 167-188, Salmos Penitenciais e Litania:** [*Falta iluminura e texto*] ... *lectum meum lacrimis meis stratum meum rigabo ...*; (f. 178) **Letania Kyrie eleison Christe ...**;

**ff. 188-190v, Missa: Missa de nostra domina.** **SAlve sancta parens enixa puerpera regem ...**;

ff. 190v-194, **Horas de Santa Bárbara: *Secuntur hore beate barbare virginis et martiris. Ad matutinas officiu[m]***. [Falta iluminura e texto] ... [ilu]strata. *Cum celesti lumine que est visitata. Et a rege glorie ...;*

ff. 194v-198, **Oração dedicada a São Sebastião:** [f. 194v, *São Sebastião*, iluminura inserida na coluna de texto] *O quam gloriosa refulsit gracia ...;*

ff. 198v-200v, **Memorial dos Santos:** (f. 198v) *Secuntur commemorationes de s[an]c[t]is et primo de s[an]c[t]o iohanne baptista. Antiphona. Inter natos mulierum non surrexit maior iohanne paptista [sic]. ...;* (f. 199) *De sancto nicholao. Antiph[ona]* *Amicus dei nicholaus pontificali decoratus ...;* (ff. 199v-200) *De sancto christoforo. Antiphona* *Hic est vere martir qui pro christi nomine ...;* (ff. 200-200v) *De sancta katherina. ant[iphona]* *Virgo sancta katherina grecie gemma urbe alexendrina ...;*

ff. 200v-204, **Oração preparatória para a confissão sacramental: *Oracio dicenda ante ymagine[m] crucifixi multum devota. C****onditor celi et terre. Rex regum et d[omi]nus ...;*

f. 204, **nota de pertença:** *Lan mil v<sup>c</sup> cinquante six années [tam] xiiij<sup>e</sup> jorro de mars et ssegonde dimanche de carésme heure de, v, heure de matin alla de vie a[l] [r]espas par la volente dieu mon s[eignour] moj nicolas benoijl conseiller au parlement de telouse soeigneur de [peh] bonnyon – 1556<sup>o</sup> 1556<sup>o</sup> xiiij<sup>e</sup> Xiiij<sup>e</sup> martij<sup>14</sup>;*

f. 204v, **nota de pertença:** *Bonnaventura Conta 7 libras<sup>15</sup>.*

## 2. Iconografia / Ornamentação

- f. 15, *São João na Ilha de Patmos*
- f. 17v, *São Lucas no scriptorium*
- f. 24, *Virgem com o Menino e São João Evangelista*
- f. 30, *Anunciação*
- f. 40v, *Visitação*
- f. 119, *A Morte surpreendendo um casal de jovens*
- f. 128v, *Celebração do Ofício Fúnebre*
- f. 194v, *São Sebastião*

## 3. Encadernação

Dimensões: 200 × 140 × 45 mm. Encadernação do século XIX. Planos de cartão cobertos com pele castanha; nervos falsos; guardas de papel marmoreado.

---

<sup>14</sup> Leitura paleográfica de João Costa (CHAM e CEH-FCSH/UNL).

<sup>15</sup> Leitura paleográfica de João Costa (CHAM e CEH-FCSH/UNL).

#### 4. Exposições

**1989**, “Os Açores no século XV – um contributo para o seu estudo”. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Maio – Junho de 1989 (cat. 16).

**1995**, Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo, (cat. 4);

**2011**, Do Mar e da Terra ... uma história no Atlântico. Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo.

#### BIBLIOGRAFIA

*Açores (Os) no século XV. Um contributo para o seu entendimento*, Angra do Heroísmo, 1989, p. 24.

*Descobrimientos (Os) e a Arte*, Angra do Heroísmo, 1995, pp. 20-21.

*Do Mar e da Terra ... uma história no Atlântico*, Angra do Heroísmo, 2011, p. 21.

COSTA, A. DA, *Calendários portugueses medievais*, dissertação apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, 1950.

GOMES, A., *Ver e Ler Paulo Cantos: um projeto bio-bibliográfico*, tese de doutoramento, Coimbra, 2017.

*Museu em Arquivo. 70 anos de imagens*, Angra do Heroísmo, 2019.

SILVA, G., *Dicionário Quem é Quem na Museologia Portuguesa*, Lisboa, 2019, pp. 163-166.

#### Agradecimentos

Os autores agradecem às seguintes pessoas e instituições: Anna Radon (Archiwum UJ); António Gomes e Cláudia Castelo (Barbara Says), Bernardo Trindade (Livreiro), Bernardo Vasconcelos e Sousa (FCSH-UNL), Cezary Kardasz (Torun), Gabriela Gouveia (Livreira), Gil de Cantos (coleccionador), Grzegorz Kubacki (Biblioteka Kórnicka); João Lemos; João Costa (CHAM e CEH – FCSH/UNL), Katarzyna O’Neill (Embaixada da Polónia em Lisboa); Lourenço Lencastre (Livreiro), Luís Gomes (Livraria Artes e Letras), Natália Borges (ESJP), Paulo de Cantos, Pedro Azevedo (Livreiro), Ricardo Teixeira, Sónia Santos (ESJP), Vítor Castelo (MHA) e Wojciech Swieboda (Manuscript Section, Jagiellonian Library).